

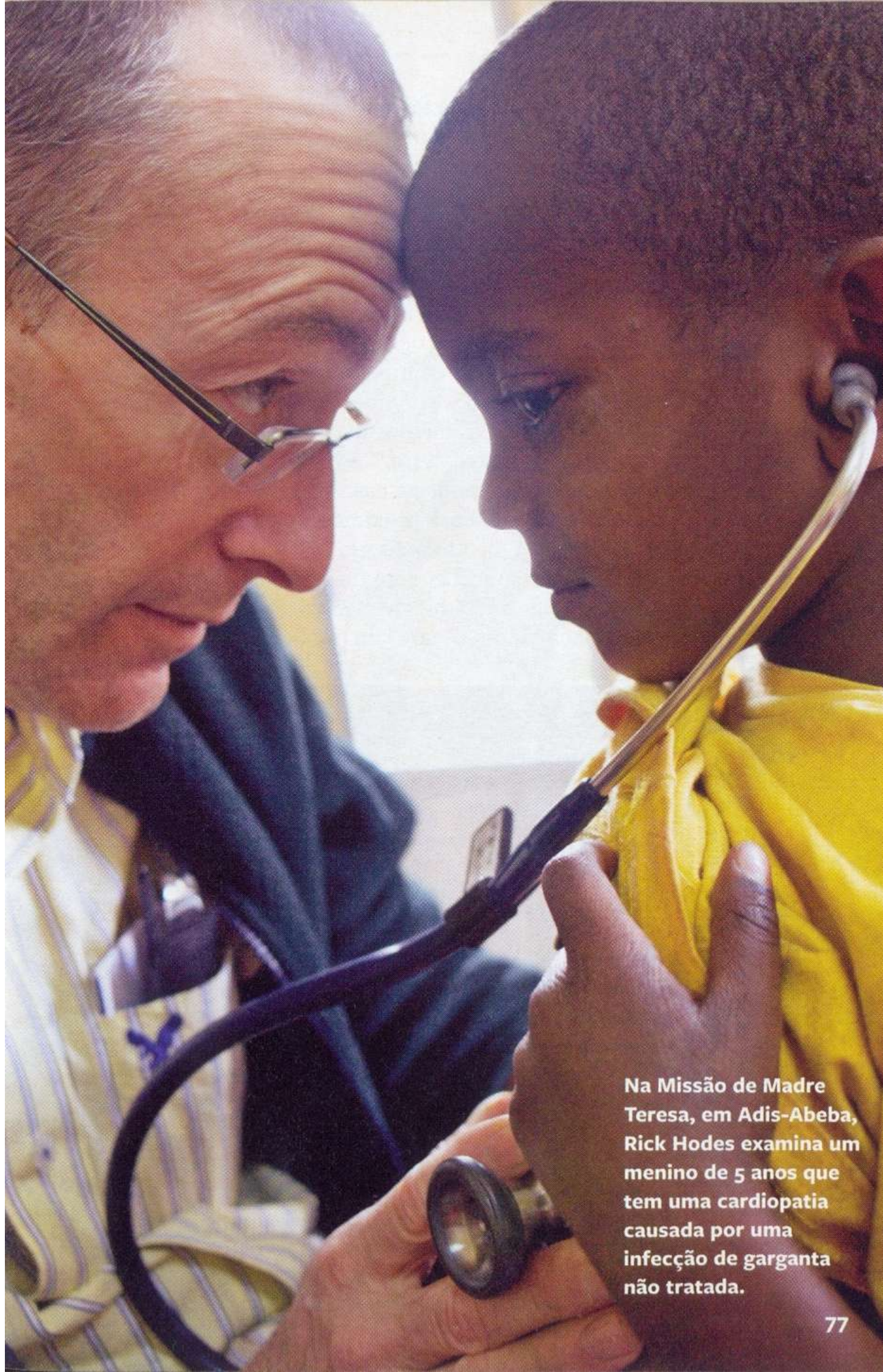
O Dr. Rick Hodes dedicou a vida a ajudar crianças desamparadas da Etiópia, entre elas as cinco que adotou. Sua filosofia é simples:

‘NÃO DIGA NÃO’

POR KENNETH MILLER

FOTOGRAFADO POR
SAMANTHA REINDERS/
REDUX





Na Missão de Madre Teresa, em Adis-Abeba, Rick Hodes examina um menino de 5 anos que tem uma cardiopatia causada por uma infecção de garganta não tratada.

Na Etiópia, existe um médico para cada 40 mil habitantes, e os remédios nunca são suficientes. Num país com renda *per capita* de 220 dólares, o tratamento moderno limita-se principalmente aos ricos. Mas na Missão de Madre Teresa, o Dr. Rick Hodes dedica-se a curar os pobres.

“Gosto de ajudar aqueles que não interessam a mais ninguém”, diz Hodes, de 55 anos, o médico mais velho a atender na missão em Adis-Abeba. Nasceu em Long Island, nos Estados Unidos, e formado na Universidade Johns Hopkins, ele atende 20 pacientes por dia, entre adultos e crianças, sem cobrar nada. Muitos viajam centenas de quilômetros, vindo de aldeias distantes, às vezes na carroceria de caminhões, até o consultório de um só cômodo, e ele não poupa esforços para lhes garantir o necessário.

Se os pacientes precisam de remédios mais elaborados, ele corre atrás. Consegue cirurgias gratuitas no exterior. Leva as crianças que precisam de cuidados especiais para a sua modesta casa (três quartos no interior, três do lado de fora) ou para outra casa próxima que alugou. “Sempre que há meio colchão vago”, diz ele, “aceito mais um.” Algumas crianças são abandonadas e moram nas ruas; outras vêm de famílias que não podem alimentá-las. Além de conseguir tratamento médico, ele cuida da educação das crianças e arranja doadores que financiam tudo para elas.

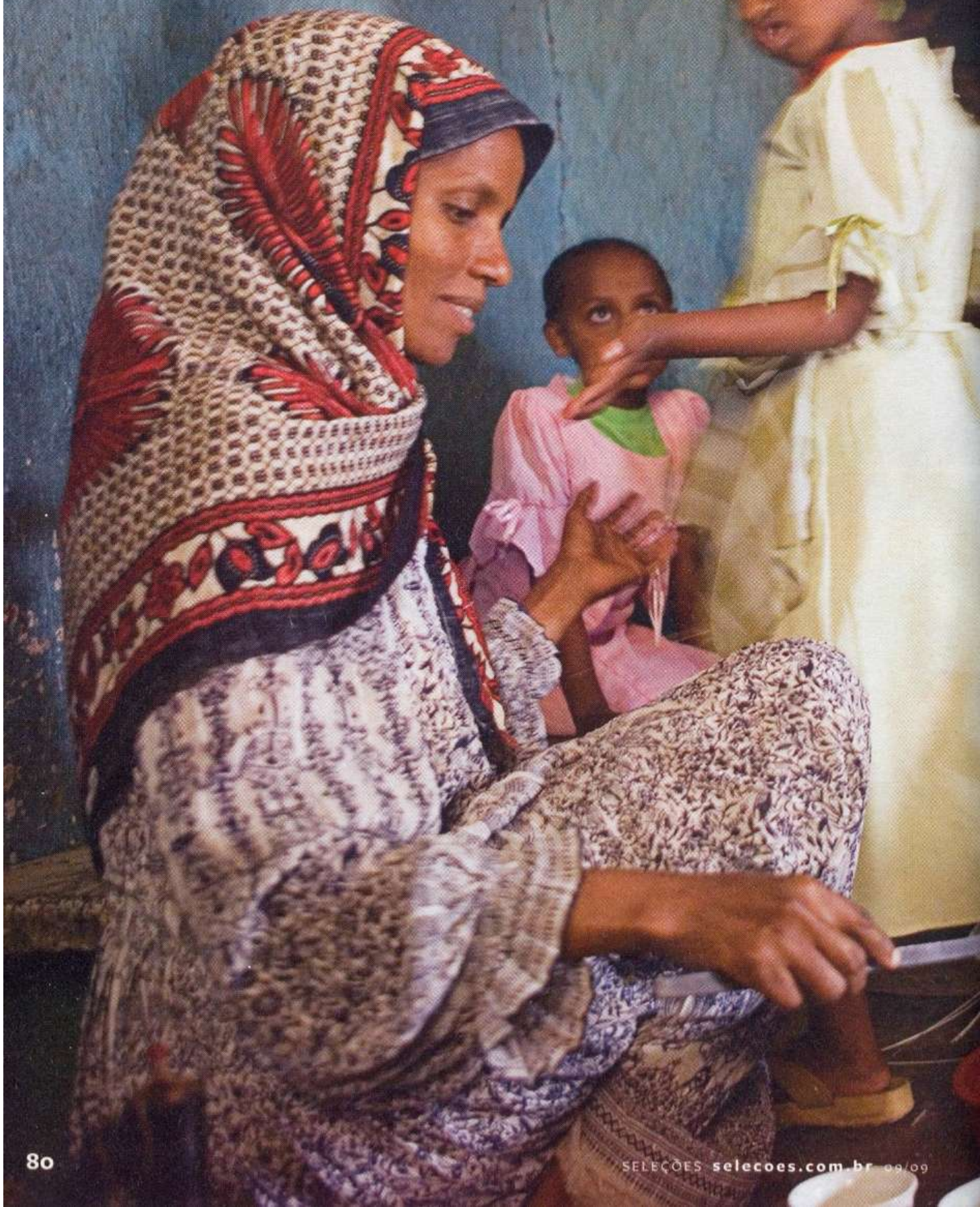


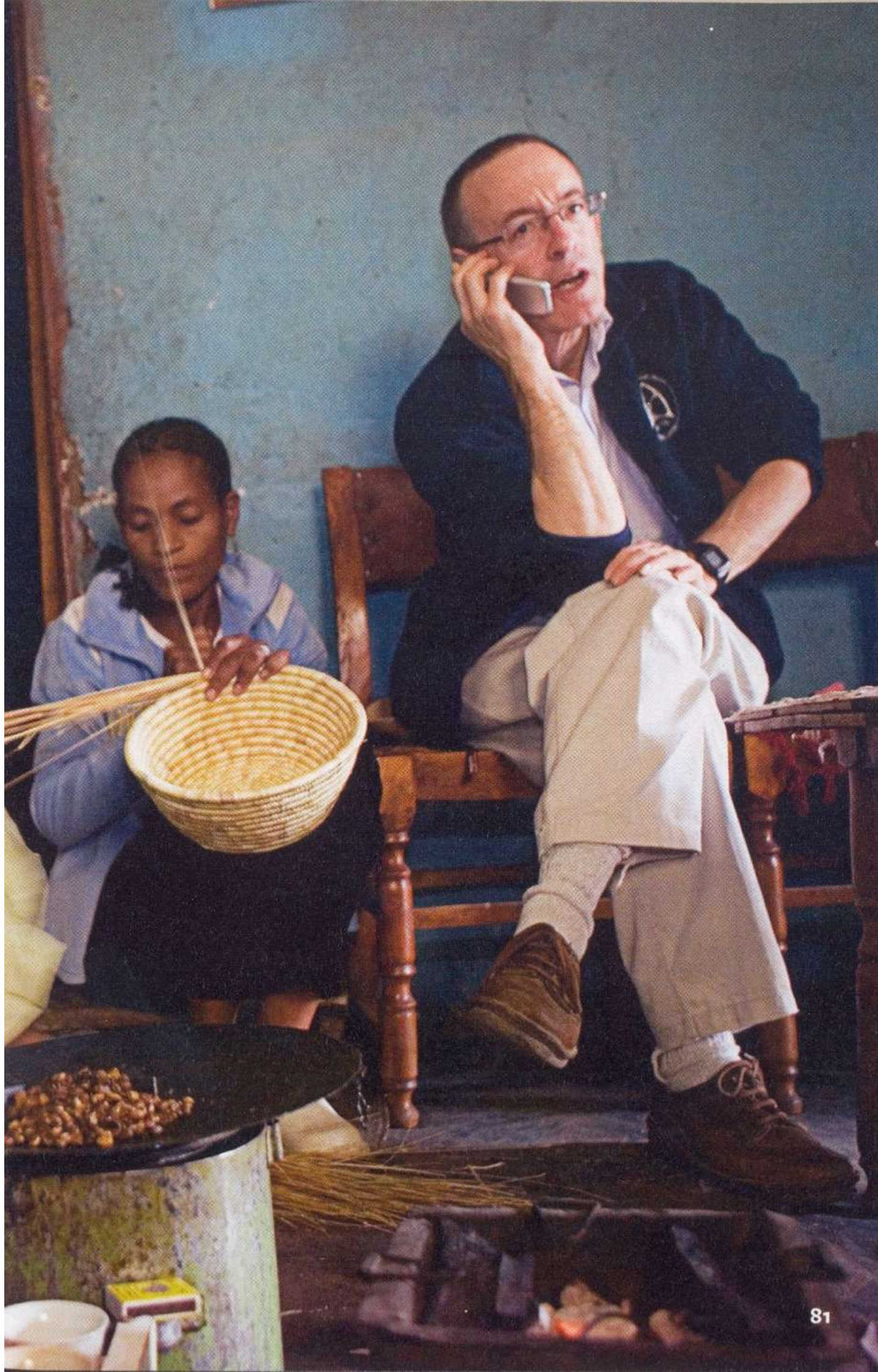


DANDO UM JEITO No consultório não há mesa de luz para examinar as radiografias, e Hodes então improvisa, levando-as para fora e olhando-as contra o sol. O neurologista Irving Fish, da Universidade de Nova York, que viu Hodes em ação, diz: “Ele é ótimo em diagnósticos. É só ele, o estetoscópio, o cérebro e o coração.”

UM DOS QUE FORAM SALVOS Mohamed (no quintal de Hodes) teve câncer ósseo e perdeu a perna direita; outro adolescente, Temesgen, perdeu a esquerda. Hodes levou os dois rapazes para casa a fim de supervisionar a quimioterapia e viu que calçavam o mesmo número. “Levei os dois para comprar sapatos, e foi muito engraçado”, lembra ele, mostrando o senso de humor bizarro que ajuda a superar as tragédias, como a morte recente de Temesgen, depois de três anos de tratamento, em Washington. “O mais difícil foi contar à família”, diz Hodes. Mas ele se consola com a evolução de Mohamed: agora com 16 anos, ele está curado.

EM VISITA O médico cumpre várias tarefas na visita a Fetia, de 10 anos (em pé), que, no ano passado, fez uma operação, conseguida por Hodes e realizada por cirurgiões americanos visitantes, para corrigir a fenda palatina e outras deformações da face. A menina, antes quase confinada em casa, hoje se sente à vontade em público. Para homenagear Hodes como hóspede, a família faz a tradicional cerimônia etíope do café.







O mais espantoso é que Hodes, que é solteiro, adotou cinco crianças etíopes, o máximo que a lei permite. Tudo começou em 2001, quando ele incluiu dois órfãos – Semegn, hoje com 19 anos, e Dejene, com 15 – em seu plano de saúde, para que pudessem ser operados no Texas. “Foi uma decisão meio assustadora, e passei alguns dias pensando”, recorda Hodes. “A resposta que obtive foi: Deus está lhe dando a oportunidade de ajudar esses meninos. Não diga não!”

Especialista em câncer, doenças cardíacas e problemas da medula, Hodes foi para a Etiópia pela primeira vez como voluntário em 1984. Voltou com uma bolsa de estudos, e, em 1990, foi contratado como diretor-médico pelo Comitê Conjunto Judaico-Americano de Distribuição (JDC), um grupo humanitário, a fim de supervisionar a saúde dos judeus etíopes que planejavam emigrar para Israel. Descobriu a Missão de Madre Teresa quando procurava um adolescente com doença cardíaca que estava tratando. O menino fugiu do hospital por não poder pagar a conta, e Hodes encontrou-o na Missão. Tornou-se voluntário, e não tardou a passar tanto tempo lá quanto no emprego assalariado.

Até dois anos atrás, ele próprio financiou o trabalho na Missão, angariando fundos onde fosse possível. Hoje a JDC ajuda a levantar recursos, mas Hodes ainda mete a mão no bolso quando algum paciente precisa de comida ou passagens de ônibus. Compra graxa de sapatos para os meninos que trabalham como engraxates. Paga o aluguel de uma viúva cuja filha vem se submetendo a várias cirurgias na coluna. “Rick ganharia muito bem como médico nos Estados Unidos, mas optou por um caminho bem mais difícil”, diz o Dr. Irving Fish, diretor de Neurologia Pediátrica da Faculdade de Medicina da Universidade de Nova York, que recentemente visitou a Missão. “Ele é totalmente altruísta. Nunca conheci alguém como ele.”

Hodes vive sem os confortos que a maioria dos americanos considera essenciais, como água quente e luz. Quase desistiu de encontrar uma parceira com quem dividir a vida e o trabalho. Mas, para ele, nada disso é sacrifício. E cita o seu trecho favorito do Talmude, livro básico da religião judaica: “Salvar uma vida é como salvar o mundo inteiro.”

NOVA VIDA Zewudie, cujo pai vendeu uma ovelha por 22 dólares para poder levá-lo a Adis-Abeba, chegou com a coluna curvada em 90 graus por causa da tuberculose. A pressão sobre as costelas dificultava a respiração, e o pus do tecido infectado saía pela pele. Zewudie foi morar com Hodes, que conseguiu 10 mil dólares de benfeitores particulares para que o menino fosse operado em Gana. Hoje, as costas do rapaz de 16 anos são eretas, e ele quer ser médico quando crescer. “É um menino adorável”, diz Hodes, que recentemente levou Zewudie a Nova York. “Ele fez um discurso num jantar de caridade, e conseguimos arrecadar um milhão de dólares.”

SEMPRE CABE MAIS UM Na casa de Hodes cabem até 20 crianças. Entre os que dividem a *pizza*, estão seu filho adotivo Mesfin, de 12 anos (extrema esquerda), que sofre de deficiência de hormônio do crescimento, e Balemlaye, de 9 (na frente, à direita), irmã mais nova de Zewudie, paciente do médico. Hodes lembra: “O pai dela me procurou e disse: ‘Dr. Rick, o senhor está educando o meu filho. Seria muito incômodo educar a minha filha também?’” Hodes concordou, e Balemlaye entrou para o grupo.



